

PRODUÇÃO E BENEFICIAMENTO DE MANDIOCA EM COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA RESERVA DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL AMANÃ RDSA, AMAZONAS, BRASIL.

Janaina de AGUIAR¹; Theresinha de Jesus Pinto FRAXE²

RESUMO: O estudo caracterizou os sistemas produtivos em cinco comunidades da RDSA, no Amazonas, por meio de entrevistas semi-estruturadas, entrevistas com grupos focais e observação participante. Existem contrastes entre os sistemas produtivos de comunidades de várzea e terra firme, como área cultivada (média de 0,36 ha vs 2,15 ha, respectivamente), produção (média de 4,4 ton de farinha vs 46,92 ton, respectivamente), dentre outras. A renda obtida com a venda de farinha também apresentou diferenças (média de R\$84,45 vs R\$40.124,5, respectivamente), devido principalmente à área cultivada, e também à qualidade da farinha produzida em terra firme. Estes contrastes reforçam a aptidão das comunidades de terra firme em relação ao cultivo e beneficiamento de mandioca, devido à disponibilidade de terras agricultáveis durante todo o ano e à constante especialização dos agricultores no cultivo de mandioca. Entretanto é necessária uma análise mais detalhada dos fatores sociais, culturais e étnicos que podem influenciar essas diferenças.

PALAVRAS-CHAVE: comunidades ribeirinhas; roças tradicionais; Manihot esculenta.

SUMMARY: PRODUCTION AND PROCESSING OF MANIOC IN RIVERSIDE COMMUNITIES AMANÃ SUSTAINABLE DEVELOPMENT RESERVE - RDSA, AMAZONAS, BRAZIL. This study characterized the production systems in five communities in the RDSA, Amazonas, Brazil, using semi-structured interviews, interviews with focal groups and participant observations. There are differences between the production systems of Várzea (floodplain) communities and Terra Firme (upland) communities, such as cultivated area (mean of 0.36 ha vs 2.15 ha, respectively), production (mean of 4,4 ton of flour vs 46,92 tonyy kg or baskets, respectively), among others. The revenue obtained with the manioc flour also presented differences (mean of R\$84,45 vs R\$40.124,5, respectively), mainly due to cultivated area and so the quality of flour produzided in the upland. These contrasts reinforce the idea that upland communities have greater advantage in the cultivation and processing of manioc, mainly due to availability of agricultural land during the whole year, and to the constant specialization

^{1,2} Universidade Federal do Amazonas. Av. Gen. Rodrigo Octávio Jordão Ramos, 3000, Campus Universitário, Reitoria. Bairro Coroado I. CEP 69077-000. Manaus/AM. janainapgat@ufam.edu.br; tecafraxe@uol.com.br

of the farmers in manioc cultivation. However, a more detailed analysis of social, cultural and ethnic factors that can influence these differences is necessary.

KEYWORDS: riverside communities; traditional farming; *Manihot esculenta*.

INTRODUÇÃO

A dinâmica produtiva em áreas ribeirinhas da Amazônia baseia-se na diversificação de espécies e na sucessão ecológica, num misto de roça e floresta, onde o termo “roça” é regionalmente utilizado para denominar o cultivo de mandioca (*Manihot esculenta*). O cultivo de mandioca nas comunidades ribeirinhas da RDSA está intimamente relacionado à produção de farinha amarela, e a comercialização deste produto é significativa para a economia regional, abastecendo cidades como Tefé e Manaus. Muito apreciada por seu valor energético, a farinha amarela constitui-se como componente fundamental na dieta local, juntamente com o peixe, e em muitos casos representa a conexão das comunidades com o mercado. A instabilidade na produção de farinha amarela na várzea e a especialização dos cultivos de mandioca em terra firme abrem portas para estudos que busquem distinguir os sistemas produtivos e investigar as relações que existem entre estes agroecossistemas. O presente trabalho caracteriza os sistemas de produção de farinha de mandioca em cinco comunidades ribeirinhas da RDSA e apresenta dados qualitativos e quantitativos a respeito do cultivo de mandioca em roças tradicionais de caboclos ribeirinhos da RDSA.

MATERIAL E MÉTODOS

O trabalho foi realizado em cinco comunidades ribeirinhas da RDSA, sendo elas: São Paulo do Coraci (várzea); Boa Vista do Calafate, Monte Sinai, e Boa Esperança (terra firme), e São João do Ipecaçu, onde foram encontradas roças em ambos os ecossistemas. O método adotado baseou-se no estudo de caso e as técnicas de coleta de dados foram entrevistas semi-estruturadas, entrevistas com grupos focais e observação participante, melhor detalhadas por Albuquerque et al 2004 e Amorozo et al 2002. O universo amostral foi superior a 70% mesmo tendo número de informantes variados em cada comunidade. O critério para escolha dos informantes deu-se através do método da bola de neve (Albuquerque et al 2004), onde os moradores de uma localidade indicam os especialistas locais ou aqueles que possuem grande conhecimento sobre o assunto a ser investigado. Foram coletados

dados sócio-econômicos e agrônômicos tais como área cultivada, variedades utilizadas, mão-de-obra, produção, dentre outros.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estudos comparativos feitos em roças tradicionais da mata atlântica indicam ser necessárias pesquisas desse tipo, sobretudo sob uma visão histórico-regional que leve em consideração aspectos dos sistemas agrícolas locais associados às constantes alterações socioambientais que ocorrem nestas localidades (FRANÇA, 1954; ADAMS, 2000; MARTINS, 2005). Monitoramentos anuais feitos nos roçados dessas comunidades demonstram que até o momento, não foram encontrados indícios de que as atividades agrícolas praticadas nas comunidades estudadas representem grandes ameaças à manutenção dos ecossistemas locais, na escala em que ocorre. Ao contrário disso, existem pesquisas que apontam o quão valiosas são as contribuições dessas populações no manejo da agrobiodiversidade local e suas especificidades (CLEVELAND, 1994; FARALDO et al, 2000; MARTINS, 2005). No caso da RDS Amanã foram encontradas disparidades em relação à área média cultivada/família e ao local de cultivo. Em terra firme¹ a média é 2,15 ha/família, e na várzea 0,36 ha/família (Tabela 1). A área cultivada está associada à capacidade produtiva de cada família, uma vez que a mão-de-obra é familiar. Eventualmente ocorre ajuda mútua, na forma de mutirão ou “*ajuri*”, ou ainda troca de dias trabalhados. Nas comunidades de várzea, os cultivos agrícolas são limitados tanto pela sazonalidade que restringe as áreas agricultáveis. Uma vez que o manejo das roças é contínuo, na terra firme, a fabricação de farinha ocorre ao longo de todo o ano. Na várzea, o beneficiamento é restrito ao período de enchente, e por este motivo, os moradores da várzea precisam comprar farinha, caso a produção própria não atenda a demanda de consumo familiar. A produção média de farinha amarela nas cinco comunidades foi de 33,0 ton/mês/comunidade, variando de 4,5 ton em São Paulo do Coraci (várzea) a 126,8 ton em Boa esperança - terra firme (Tabela 1). Outro ambiente utilizado para plantios e restrito às várzeas são as chamadas “*praias e lamas*” e apesar da área cultivada ser relativamente pequena, 0,08 ha em São Paulo do Coraci e 0,4 ha em São João do Ipecaçu, se comparadas às áreas cultivadas em floresta primária na mesma

¹ Várzea e terra firme, apesar de genéricas, tem sido as classificações mais comumente utilizadas para caracterizar a Amazônia. Embora esta compartimentação tenha caráter fisiográfico, ela também relaciona questões culturais. As várzeas, com sua fertilidade associada a reposições constantes de nutrientes pelos ciclos hidrológicos, são reconhecidas por sua produtividade. Já a terra firme, embora seja bastante diversificada, sempre esteve associada a solos pobres e à baixa capacidade produtiva (BRONDÍZIO e SIQUEIRA, 1992); (MORAN, 1990).

comunidade (0,5 ha e 1,5 ha), percebe-se nestas, uma intensificação do uso do solo, diferente do que ocorre em terra firme, onde a necessidade de desmatamento anual para implantação das roças é maior, sendo 21,1 ha em Boa Esperança.

Tabela 1. Resumo quantitativo das comunidades estudadas na Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã, Amazonas, com atenção especial para os sistemas de produção de mandioca.

Comunidade	Ecosistema	Localização da roça	Área de roça/comunidade (ha)	N. de famílias entrevistadas	Área média de roça/família (Ha)	Renda obtida com a venda de farinha (R\$)	Produção de farinha (ton)
São Paulo do Coraci	Várzea	Capoeira Mata	4,41 0,5	14	0,36	84,45	4,4
São João do Ipecaçu	Várzea/Terra Firme	Praia/lama Capoeira Mata Uso consecutivo Praia/lama	32,34 1,5 0,04 0,4	19	1,78 0,023	17.080,00	16,8
Boa Vista do Calafate	Terra Firme	Capoeira Mata	7,04 11	9	2	13.932,65	19,5
Monte Sinai	Terra Firme	Capoeira Mata	16,1 4,5	10	2,06	18.153,00	24,6
Boa Esperança	Terra Firme	Capoeira Mata	32,58 21,1	24	2,24	111.332,50	126,8

O beneficiamento da mandioca é feito na própria comunidade, em estruturas denominadas “casas de farinha” onde são produzidas, principalmente, farinha amarela, farinha ova e farinha de tapioca, tendo com subprodutos goma, tucupi e “cruera”, esta última utilizada como alimento para pequenas criações. O escoamento da produção pode ser feito de forma coletiva em barcos regionais, ou individualmente em canoas motorizadas denominadas “rabetas”. Apesar da RDSA compreender parte dos municípios de Barcelos, Coari, Codajás e Maraã, a comercialização dos produtos agrícolas ocorre em Tefé, visto que a distância desta às comunidades é menor.

CONCLUSÕES

O perfil da agricultura praticada nesta região da Amazônia abrange características complexas, não só do ponto de vista ecológicas e regionais, mas também socioculturais. As particularidades entre os sistemas produtivos de várzea e terra firme são constatadas mesmo em uma área geograficamente restrita e em comunidades vizinhas. Famílias agricultoras residentes em terra firme apresentam maior grau de especialização na produção de farinha amarela. Isso possivelmente ocorre devido ao aprimoramento das técnicas produtivas e está relacionado à maior inserção destas no mercado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, C. As roças e o manejo da mata atlântica pelos caiçaras: uma revisão. **Interciência**, v. 25, n.3, p. 143- 150, Caracas, maio/junho, 2000.
- ALBUQUERQUE, U.P. & LUCENA, R.F.P. **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: LivroRápido/NUPEEA, 2004.
- AMOROZO, M.C.M.; MING, L.C. & SILVA, S.M.P. (Eds.) **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002.
- AMOROZO, M.C.M., 2002. **Agricultura Tradicional, Espaços de Resistência e o Prazer de Plantar**. In: Albuquerque, U.P. et al (orgs.) *Atualidades em Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Sociedade Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, 2002, p. 123-131.
- BRONDÍZIO, E.S.; SIQUEIRA, A. D. O habitante esquecido: o caboclo no contexto amazônico. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 6, n.1-2, p. 187-192, janeiro/junho. 1992.
- CLEVELAND, D.A.; SOLERI, D.; SMITH, E.S. Do folk crop varieties have a role in sustainable agriculture? **BioScience**, v.44, p.740-751, 1994.
- FARALDO, M.I.S.; SILVA, R.M.; ANDO, A.; MARTINS, P.S. Variabilidade genética de etnovarietades de mandioca em regiões geográficas do Brasil. **Scientia Agricola**, v.57, n.3, p.499-505, jul./set. 2000.
- FRANÇA, A. A Ilha de São Sebastião. **Estudo de Geografia Humana**. São Paulo: FFCLUSP, Boletim 178, Geografia n. 10, 195 pp., 1954.
- MARTINS, P. S. Dinâmica evolutiva em roças de caboclos amazônicos. **Estudos Avançados** v. 19, n.53, p. 209-220, 2005.
- MORAN, E. **A Ecologia Humana das Populações da Amazônia**. Petrópolis: Vozes, 1990.
- PERONI, N.; MARTINS, P.S. Influência da dinâmica agrícola itinerante na geração de diversidade de etnovarietades cultivadas vegetativamente. **Interciência**, Caracas, v. 25, n.1, p. 22-29, janeiro/fevereiro. 2000.

ÓRGÃO DE FOMENTO:

